

UM APELO
SOLENE*Raul Pilla*

PERORANDO, no grande discurso que há dias proferiu na Câmara dos Deputados a respeito da reforma parlamentarista, apelou o sr. Afonso Arinos para os militares, a fim de que a não impeçam. «Sem o planejamento democrático do governo, sem o restabelecimento da honra na administração, sem o equilíbrio da Federação, sem a vitalidade dos partidos — disse o orador — a democracia estará morta, temporariamente morta, adormecida, anestesiada, e voltaremos a eras pregressas de terror, de escuridão e de tirania.»

O eminente orador pôs o dedo na ferida. Há vários anos que a maioria dos representantes da Nação se convenceu da necessidade de substituir o desastroso sistema presidencial de governo. Tinham e têm eles, para isto, a necessária capacidade legal. Nos próprios termos da Constituição, o Congresso Nacional, e ninguém mais, senão ele, tem a atribuição de fazer a reforma. Concedendo, até, que esta fôsse um erro, e uma aberração clamorosa não fôsse a manutenção de um sistema reiterada e totalmente falido, não teriam as armas o direito de impedi-la. O erro, se erro fôsse, praticado por quem poderia legitimamente praticá-lo, corrigir-se-ia naturalmente e legalmente, quando estivesse demonstrado. Tal é o mecanismo democrático.

Não é, entretanto, o que está ocorrendo. Ninguém ignora, porque o fato foi público e notório, que a reforma parlamentarista se viu vetada pelo sr. ministro da Guerra, quando ia ser aprovada por grande maioria na Câmara dos Deputados. E a sombra deste veto ainda hoje se projeta sobre os representantes da Nação, chamados novamente a pronunciar-se sobre a magna questão.

Falou o ministro da Guerra em nome do Exército? Parece duvidoso. Em todo caso, certo é que o não poderia fazer. E, porém, como se em tal caráter houvesse falado. Todos sentem serem os militares de terra, e não só os mais ordinários políticos, que exploram e degradam o poder, os que realmente estão impedindo a reforma saneadora.

Impunha-se, por isto, o apêlo que, na peroração de seu grande discurso, o sr. Afonso Arinos fez ao patriotismo e ao senso de responsabilidade dos militares. E com tanto maior razão, quanto sobre o Exército pesa a maior responsabilidade na implantação da desastrosa ditadura constitucional republicana, que é o presidencialismo. A antiga culpa histórica sobrecarrega-se, cada ano, com a persistência no erro, em que estariam incorrendo.